

Sombra e luz na fala presidencial

O discurso que o presidente Fernando Henrique Cardoso proferiu no "Encuentro empresarial en honor de los presidentes Carlos Raul Menem y Fernando Henrique Cardoso" (valha a ordem de precedência) é dessas peças cujas repercussões merecerão a atenção do Itamaraty e do Palacio San Martin. É que tudo coube nessa fala: desde a rememoração do sentimento hostil nas relações entre brasileiros e argentinos, especialmente na geração a que "pertencemos o presidente Menem e eu", passando pelo que é hoje o Mercosul para chegar à situação interna brasileira, que ocupa metade do discurso presidencial. A metade inicial é cheia de claros-escuros, possivelmente mais de sombra do que de luz — e é sobre ela que San Martin, sede da chancelaria argentina, se debruçará, enquanto a Casa de Rio Branco deverá estar atenta às reações profundas, não as aparentes, que o discurso pode ter provocado.

Ressalte-se, em primeiro lugar, que o presidente Fernando Henrique Cardoso deixou de lado a retórica "unionista", que — exceto no governo do general Lanusse — era praxe recheiar os discursos oficiais: *Todo nos une, nada nos separa*, e fala em países que "eram mais rivais do que parceiros". É bom franceses e alemães falarem de 1870, 1914 e 1944 para poderem construir depois a União Européia. Assim, é bom falar das rivalidades, antes de proclamar que "a relação econômica Brasil—

Argentina não deve ser confundida com o Mercosul. Ela vai além do Mercosul. Ela antecede o Mercosul". O que, para bom entendedor, significa que o sentimento de diferença entre os dois países pode não ter sido superado, embora as relações econômicas estabeleçam um vínculo estreito demais para pensar-se em interrompê-lo a qualquer momento.

É nesse ponto que o presidente da República avança em terreno escorregadio: se as relações econômicas Brasil—Argentina vão além do Mercosul (como se fato vão), está dito a Montevideu e Assunção que o fundamental é manter essa relação que antecede a união dos quatro. Há mais: o Mercosul, superada a rivalidade com a Argentina, presta-se a objetivo maior: "buscaremos construir um espaço econômico ampliado, integrado, na América do Sul. Estamos na América do Sul". Cartagena, onde se reuniram altos funcionários de toda a América para dar continuidade às propostas lançadas por Bush de união comercial das Américas, também está na América do Sul — mas o que lá se discutiu (e, ao que parece, com evidente desencontro entre o Brasil e os Estados Unidos) nada tem que ver com o propósito de construir um espaço econômico sul-americano. Quem apostou na Car-



necessitava ter sido dito no Exterior. Possivelmente, fosse conveniente ter feito a defesa do Congresso. Os empresários brasileiros que lá estavam a ouvi-lo, conhecem tudo aquilo que disse; aos empresários argentinos, pouco interessava ouvir falar das minúcias da tramitação das emendas constitucionais (que seus representantes no Brasil acompanham com maior atenção, fazendo relatórios mais pormenorizados). A referência ao Plano Real (quase uma obsessão) em abril de 1996, a alusão à Venezuela (ainda que sem nominála), tudo isso era dispensável e seguramente tirou tempo da *siesta* aos argentinos. O lado mais perturbador (porque difícil de entender) foi a alusão aos banqueiros depois da defesa do Proer. Esse é assunto interno, que não

ta *Nafta* não conte com o Brasil — essa a mensagem que transparece clara do discurso presidencial. Acrescida de um adendo: "Buscaremos construir um espaço econômico ampliado e integrado (...) *sem renunciar à defesa de nossos interesses nacionais*". Esse o ponto que, com certeza, o general de Gaulle gostaria de ter ressaltado em Maastricht...

A metade final do discurso presidencial não está à altura de S. Exa. — não pelo que diz, mas porque tudo aquilo que falou não

diz respeito nem a argentinos nem a uruguaios nem a paraguaios. No entanto, o presidente da República faz questão de dizer a Menem e aos empresários argentinos que o governo Fernando Henrique Cardoso assume o compromisso de colocar na cadeia quantos banqueiros tiverem sido condenados pela Justiça! Importante e grave seria dizer, no Brasil, que não colocaria na cadeia condenados pela Justiça. Assumir, no Exterior, o compromisso

A referência aos banqueiros no discurso de Buenos Aires é sem sentido, exceto psicológico

de cumprir as leis brasileiras é algo que apenas Hamlet, no seu conselho a Horácio, poderia entender: "Há mais coisas entre o céu e a terra que tua vã filosofia"! Ou Hamlet ou alguém que não tivesse pretensões a

áulico: cuidar, em terras estrangeiras, de assuntos estritamente nacionais, respondendo às oposições brasileiras em fala oficial em Buenos Aires, é demonstrar que as críticas que são dirigidas ao chefe do Poder Executivo o perturbam, para dizer o menos. Por isso e pelas referências insinuadas a Montevideu, Assunção e até mesmo Buenos Aires ("nossos interesses nacionais"), essa fala será sempre situada entre aquelas que não deveriam ter sido ditas como foi.